



Pimentas nos olhos não é frescos

NÃO JOGUE ESTE JORNAL NA RUA. PASSE PARA OUTRA PESSOA.



Saiba sobre o projeto que usa a fotografia como forma de expressão

Foto: Bárbara Sá

Folhetim

Nosso folhetim é baseado em fábulas - cada título é retirado de uma fábula, como as de La Fontaine, Esopo, etc, exceto pelo primeiro, que é o título.

Os trabalhadores e o castelo sem fim

T.A.C. Amaral

...um rato armado com pau ou pedra patrulhava os novos domínios...

Capítulo 5: A liga dos animais

Os ratos conseguiram o que queriam, finalmente. Todo o espaço do castelo em construção, agora abandonado por parte dos trabalhadores, foi ocupado por eles. Em cada canto, um ninho. Em cada parede, marcações dos ratos. Em cada espaço, um rato armado com pau ou pedra patrulhava os novos domínios que haviam conquistado.

Lentamente, pouco a pouco, a construção foi ficando cada vez mais vazia de trabalhadores e mais cheia de ratos.

Como se sabe, ratos apenas consomem, não produzem, não gerem, e o campo de obras, ainda frágil, foi ficando mais e mais parecido com o paraíso imaginado pelos ratos, que quebravam os vidros feitos de lágrimas, que arrancavam o assoalho de tempo, que enfraqueciam a argamassa de suor, fazendo com que os blocos de ideias ruíssem e as paredes, erguidas com tanto sacrifício, desmoronassem, criando, assim, mais espaços para os ratos proliferarem, enquanto prometiam que aquilo era o melhor para todos.

As relações entre os trabalhadores ficaram piores que a estrutura

do ainda incompleto castelo. Ódios afloraram, agressões tornaram-se comuns, e os trabalhadores começaram a cortar relações entre si, a maioria levada à irracionalidade pelos ratos.

A existência do castelo ficou em perigo, e começou-se a pensar se o castelo deveria, enfim, ser concluído ou não.

.....
Confira a continuação deste folhetim na nossa próxima edição!

Leia os capítulos anteriores em www.jornalpimenteiro.weebly.com

Editorial

Mayra Guanaes

Quando olhávamos para fora, eu pensava: Eu gosto de estar aqui dentro, mas queria estar lá fora também. Então, resolvemos fazer O Pimenteiro.

Muitas eram as nossas ideias e criar um jornal sempre nos pareceu uma oportunidade linda e prazerosa de colocar em prática uma coisa que gostamos de fazer há muito tempo: escrever.

Mas não era só isso. Nós pertencemos a um lugar que nos acolheu. Este lugar se chama Unifesp que fica em um bairro que se chama Pimentas que fica em uma cidade chamada Guarulhos. Ao olharmos para o nosso lado, percebemos que pessoas muito queridas vinham destes lugares também. Eu chamo estas pessoas carinhosamente de Equipe. Assim, com maiúscula mesmo.

Esta sensação de pertencimento foi o nosso principal critério de escolha para definirmos nossos locais de distribuição. 1.000 exemplares já foram muita coisa, mas nesta última edição foram pouco.

Há algum tempo fizemos uma edição em que convidamos um editor para escrever pros nossos leitores o que é ser editor. Ele dizia assim naquele texto: "Editar é fazer escolhas". Esta frase nunca fez tanto sentido.

A cada edição nós fazemos e refazemos escolhas. E uma das escolhas em que insistimos é: Falaremos das coisas que nós gostamos. E nós gostamos de falar disto, destas coisas que estão dentro do nosso jornal. É desta forma que o nosso jornal se relaciona com os lugares de onde viemos: o nosso conteúdo é cultural.

É assim que o Pimenteiro se posiciona politicamente. Poderíamos (e sabemos) falar sobre muitas coisas, mas escolhemos falar de literatura, cinema, quadrinhos, artes, dança, teatro, música e de tudo que é capaz de nos encantar.

Todos os dias eu acordo e refaço as minhas escolhas e eu nunca me arrependi de ter escolhido fazer o Pimenteiro deste jeito, que é o nosso jeito.

Talvez sejamos diferentes por essa escolha. Talvez as pessoas leiam o jornal por sermos diferentes. E tudo bem, nós achamos que as diferenças também são bem-vindas porque aí conseguimos criar um diálogo e tudo fica mais interessante.

Posta nossa escolha neste editorial, gostaria de dizer que apesar das apatências, o Pimenteiro não levanta nenhuma bandeira partidária, portanto.

Nossa bandeira é ser um jornal cultural com espaço para que os nossos leitores participem e troquem conteúdo conosco: Nós mostramos coisas que gostamos e os nossos leitores também nos mostram, e, no final, publicamos.

E nesta edição tem muitas coisas que gostamos. Boa leitura!

Língua Portuguesa

Fabiana Fanganiello

Obrigado ou obrigada?

A dúvida quanto ao uso dessas formas de agradecimento é fácil de solucionar. Basta pensar na expressão: sou grato e sou grata, respectivamente, no masculino e no feminino. Se você substituir pelas duas, você soluciona o problema. Se eu digo "sou grata pela sua ajuda", usando o feminino, devo usar sempre "obrigada". Ao usar a expressão no masculino, "sou grato pela sua ajuda", devo substituir por "obrigado". Assim, "obrigado" serve àqueles do sexo masculino, e "obrigada" às do sexo feminino.

A origem dessa palavra está no latim: obligatus, participio do verbo obligare, ligar ou amarrar. Esses significados se traduzem na ideia de que se ficava ligado a uma outra pessoa por um favor feito ou por um serviço prestado, que deveria ser agradecido.

Como resposta, nossa língua oferece várias expressões: de nada, não há de quê, disponha, às ordens. Embora os gramáticos torçam o nariz, a expressão "obrigado eu" é muito usada e pode ser entendida como uma abreviação da frase "eu é que agradeço a você". Como língua é uso, escolhe a que melhor te apetece, leitor.

"Língua Portuguesa"

Mande dúvidas ou sugestões de dicas de português que você gostaria de ver aqui:
jornalpimenteiro@gmail.com

Expediente

Direção:
T.A.C. Amaral

Edição:
Mayra Guanaes

Redação:
Denise Ferreira
Lucas Araujo

Revisão e redação:
Fabiana Fanganiello

Diagramação:
T. A. C. Amaral

Colaboraram nesta edição:

Andrea Barbosa
Caê Guimarães
Cássio Rocha
Débora Gepp
Fábio Fernandes
Jair Martins
Luis Octavio Rogens
Nathan Mattos

Colaboradores na distribuição:

Aline Bento
Fernando Ferreira
Isabella Tangi
Lorrane Campos
Luiz Carlos Barreto
Mariane Tavares

O Jornal "O Pimenteiro" é uma publicação cultural voltada para a população do bairro dos Pimentas, Guarulhos.

As opiniões expressas nos artigos assinados não necessariamente refletem a visão do Jornal.

Todos os colaboradores participam voluntariamente de sua elaboração.

Tiragem desta edição:
1000 exemplares

Apoio:
FapUNIFESP - Fundação de Apoio à
Universidade Federal de São Paulo



Shopping Bonsucesso - Tel 2496-4486

Dança

Debora Gepp

Baillistas é um coletivo de artistas que realiza trabalhos que se utilizam da dança, fotografia e vídeo para ressignificar, numa linguagem poética, o cotidiano das grandes metrópoles, em especial, a cidade de São Paulo.

Debora Gepp, Jorge Bascuñan, Lais Aranha e Piercarlo se juntaram no início de 2012, partindo da ideia de Piercarlo, artista plástico, que identificou uma oportunidade de unir as habilidades de cada artista, juntando assim a dança e as artes visuais, em especial a fotografia.

A ideia principal do grupo é expressar em fotografias artísticas a condição do corpo contemporâneo em meio à rotina e outras condições que as grandes cidades impõem.

Passado um semestre de encontros, nasceu a primeira série: “série #1 – ensaio sobre o caos”, que conta com cinco(5) fotos concebidas na Avenida Paulista, em São Paulo. O coração da cidade se deparou com personagens que estavam ali representando a marca da rotina nos corpos contemporâneos, a sua desconstrução e a massa que os move.

Trabalhando com o quarteto,



estão mais de trinta bailarinos e bailarinas, selecionados em audições, para participar dos ensaios fotográficos. A prioridade na seleção foi, além de capacidade e técnicas das danças clássica e contemporânea, a expressão corporal para a linguagem fotográfica. Além dos bailarinos, dois videomakers, dois maquiadores e uma designer de moda

também integram a equipe.

*Debora Gepp – São Paulo, SP / 1989
Direção/produção de arte, bailarina e coreógrafa, é graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Como artista, trabalha com nanquim, pesquisa as possibilidades da acrílica, cola quente e materiais plásticos sobre tela, além de trabalhar com a fotografia.*

Livros

Bonsai

Nathan Matos

De pronto, o narrador nos conta que existe Julio e que existe Emilia. Que esta vai morrer e que ele não. Ambos os personagens não se conheciam até o momento em que se encontram na casa de amigos para estudar.

As frases de Zambra nos envolvem como as curvas de um galho, nos fazem pensar que estamos indo em certa direção, enquanto estamos sendo enganados. Os personagens e as histórias que vão aparecendo não são o cerne da questão, mas ao mesmo tempo o narrador se estende em alguns parágrafos para contar a história de todos.

O relacionamento dos estudantes se inicia com uma mentira, contada talvez por vergonha. É sobre um livro. É sobre ter lido Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. Eles liam bastante antes de irem para a cama. Numa dessas leituras, sobre a cama, leram Tantalía, conto de Macedonio Fernández, “que os afetou profundamente”.

Parece que ambos sabiam o que ia acontecer. Talvez isso tenha sido impactante por tê-los feito entender que uma hora esse momento chegaria. Que aquele silêncio no iní-



cio viria à tona em algum momento para fazê-los entender que sem uma plantinha viva a paixão acaba.

E do término do relacionamento parece que se inicia o nascimento de novas histórias. O narrador segue contando como poderia acontecer certas ações ou como elas realmente aconteceram até chegarmos em ‘Dois desenhos’, que é o último capítulo e que se inicia assim: “O final desta história deveria nos animar, mas não nos anima”.

Não se sabe ao certo o que acontece, mas há a fuga da realidade para todos os personagens. O romance desde o início trata de uma

solidão e nos deixamos enganar pelas histórias entre um casal que teve os seus caminhos separados.

Essa solidão foi o que Zambra quis demonstrar. A solidão de uma árvore contida num jarro. Desligada do mundo. A terra em que o bonsai cria raízes não está em harmonia com a Natureza. E talvez seja essa a representatividade que Bonsai nos queira passar, e que a premissa bonsai inclui uma retenção do tamanho, como se ele não pudesse extrapolar certos limites.

A linguagem simples e enganadora do narrador nos ludibria. Na verdade, toda a história é uma demonstração de como o mundo se sente só. De como a paixão que pudemos obter em harmonia pode ser o nosso bonsai, o nosso ‘elemento vivo’ e nós, os vasos. Talvez seja a solidão mental que nos mata, que nos envolve e faz com que queiramos sair do vaso e daí já não seremos mais um bonsai, seremos apenas só.

Nathan Matos é formado em Letras, edita a Revista Pechisbeque e o blogue literário LiteraturaBr. Gosta de ler, escrever e, principalmente, imaginar.

Olhando para fora: Pimentas nos olhos não é refresco

Denise Ferreira e Mayra Guanaes

Buscando promover uma reflexão sobre práticas culturais, a relação entre Guarulhos e São Paulo, centro e periferia, a partir da análise de filmes, textos e imagens, VISURB é um grupo de estudos criado em 2007, na Unifesp, coordenado pela doutora em Antropologia Social. Profa. Dra. Andréa Barbosa, desenvolve pesquisas em antropologia urbana e visual.

Hoje, o grupo tem vários projetos individuais e coletivos em atuação. Um deles é o “Pimentas nos olhos não é refresco”, uma oficina que tem como principal alvo o público jovem, que é levado a experimentar uma forma de expressão diferente através da Fotografia. Osicineiros são provocados a “olhar pra fora”, ou seja, olhar com mais atenção para o entorno, fotografar o bairro, as pessoas ao redor ou as situações que passam despercebidas pela exposição diária, mas que, ainda assim, são carregadas de significado.



Foto: Barbara Sá



Foto: Júlia Farkas

Olhando para fora: Pimentas nos olhos não é refresco

Denise Ferreira e Mayra Guanaes



Foto: Barbara Sá

Olhar para fora é um desafio não apenas para o morador do bairro dos Pimentas, mas também para os pesquisadores do projeto, aqueles porque estão expostos durante muito tempo ao mesmo cenário e estes por não conhecê-lo. É nessa relação de troca de saberes entre morador e pesquisador que os encontros na oficina se desenvolvem.

Uma das atividades das oficinas são as saídas fotográficas em que todos os participantes fazem um percurso pelo bairro para capturar imagens em uma paisagem carregada de memórias e experiências que podem ser compartilhados ali e através das fotos. Ao fim de cada oficina, acontecem as exposições das imagens com uma curadoria coletiva que, em alguns casos, busca fazer o público interagir com as obras expostas.

Já participaram das oficinas alunos do Cursinho Comunitário Pimentas e jovens de escolas e pastorais não só da região, mas também de outros lugares, fazendo do projeto “Pimentas nos olhos não é refresco” a pimenta da provocação. Assim, além de muito prática, a Fotografia se torna uma forma de reflexão e de crítica sobre o cenário do qual esses jovens fazem parte.

O projeto, além de contar com a participação de professores de outras Universidades, também teve repercussão internacional. Em 2006, Lindolfo Sancho e Jordana Braz, participantes do “Pimentas nos olhos”, foram premiados no concurso fotográfico para jovens no Festival de Avanca, em Portugal.



Foto: Guilherme Stoner

Contatos com o projeto

Site

<http://visurb-unifesp.blogspot.com.br/>

Página no Facebook

<http://www.facebook.com/pages/VISURB-Grupo-de-Estudos-Visuais-e-Urbanos-da-Unifesp/208933845833872?ref=ts&fref=ts>

Email

la.visurb@gmail.com

A Predadora

Karoline Silva

É uma madrugada quente e monótona. Mal se ouve o som de carros nas ruas, as casas noturnas já estão praticamente todas fechadas, e as prostitutas quase prontas para deitar após uma noite longa de trabalho e suor. Entretanto, há uma criatura faminta perambulando lá fora, que não ousa recolher-se tão cedo. É hora da diversão!

como o canto das sereias que seduzem os pescadores. É tudo uma questão de tempo, ela não precisará de muitos esforços, pois a presa já está na sua.

Pobre jovem, seus ombros são largos e fortes, a pele parda acompanha o belo par de olhos azuis. É mesmo um desperdício! Talvez ela devesse continuar caminhando

alimentar-se somente por necessidade? Não é porque estamos com fome que devemos nos alimentar de qualquer coisa – pensou a mesma. Dessa forma, a predadora decide prosseguir sua caça, e fixa seus olhos demoníacos nos olhos angelicais do jovem azarado.

Ela pode sentir o cheiro – está ficando cada vez mais forte e mais saboroso a cada passo que ela dá. Ela está tão faminta, que poderia devorá-lo de uma vez só. Seu faro consegue pressentir cada centímetro daquela pobre criatura cheia de azar. É o que dizem, “lugar errado, hora errada.”

Tudo o que ela faz é abrir sua boca e mostrar suas presas brancas e afiadas que em fração de segundos ficam vermelhas cor de sangue, melhor dizendo, vermelhas “de sangue”. O jovem não tem tempo de reagir, ou dar um gemido sequer.

A predadora faminta devora rapidamente sua presa, sem muito tempo para degustação. É a sua primeira refeição do dia, aliás, essa é a sua primeira refeição desde que se tornara... Essa criatura magnífica.

Bom, é como dizem “o primeiro a gente nunca esquece” – pensa ela em voz alta, e sorri timidamente cheia de satisfação.

Karoline tem 20 anos e está cursando o 2º ano de psicologia. Mora nos Pimentas, e trabalha como professora de inglês em uma escola local. Nas horas vagas, escreve poesias e contos, além de tocar com a sua banda Abnormal, uma banda composta por três garotas.



Ilustração: Cássio Rocha

Seus cabelos são cor de fogo e selvagens como seus instintos. Seus olhos grandes e negros enfeitam

do até achar uma presa mais ordinária, um pouco menos deliciosa.

Por outro lado, que graça teria

A vantagem de ser vintage (para Bernadete Lyra e Jeanne Bilich)

Caê Guimarães

Tenho escutado boleros, tangos e outras delícias. Tenho procurado livros velhos com mais frequência ainda do que quando era um jovem rato de sebos. Estou resgatando e catalogando meus vinhos, e os herdados do meu pai. Há anos eles aguardam na estante pelo carinho da agulha. Carros antigos me fazem abrir um sorriso, Erasmo Carlos e Benito de Paula me emocionam – com ou sem o ácido que juntou o último com Silvinho Blau Blau e o Saci de Duas Pernas na Rua da Lama nos anos 90, conforme lembrado pelo José Roberto Santos Neves. Quando penso em grandes cenas do cinema me vêm aos olhos filmes muito antigos.

Não há aqui qualquer nega-

ção à contemporaneidade. Poucas coisas são tão chatas quanto aqueles escritores melancólicos e chorosos, que, como sacerdotes de Onan, vivem no eterno porvir. Não contem comigo para isso. A flecha do tempo me guia e sinto cheiro de mofo e naftalina quando alguém teima em dizer que o que passou sempre é melhor do que está em andamento. Só que, por outro lado, acho que não podemos viver no limbo anestésico do presente contínuo, o que me faz citar as duas damas homenageadas nessas linhas, Bernadette e Jeanne.

O título dessa crônica veio de um comentário da Bernadete Lyra no FB. Ela se referiu a uma postagem feita pelo amigo e jornalista

Daniel Simões, com um vídeo do Erasmo Carlos cantando Cachaça Mecânica. Imediatamente lembrei as linhas precisas de Jeanne Bilich, quando ela se refere ao presente contínuo em que o mundo vive. E eu, que me descobri há pouco tempo integrante da geração X, por ter nascido em 1970, me pergunto: que contraponto é esse que, segundo os teóricos, distinguem meus contemporâneos da geração Y e de todas as outras que já estão aí ou que virão?

Porque, realmente, parece independente da cronologia que muitos de nós desconectaram-se para valer do passado. O que é antigo – entenda-se, no caso, qualquer coisa que tenha surgido segundos antes do glorioso surgimento na face da

terra do próprio sujeito - torna-se inútil. Desmotivador. Desinteressante. O pior é que esse presente contínuo só deixa os gênios da obviedade egocêntrica mais ensimesmados. Menos atentos. Menos gentis.

Não tenho saudades de escrever meus livros na velha Olivetti que hoje enfeita minha casa e que seguirá comigo enquanto aqui eu estiver. Não tenho saudades de esperar meses para ouvir o disco novo da minha banda favorita, ou aguardar o próximo verão para constatar se os lançamentos do cinema são bons ou ruins. Tenho saudades, sim, de mais gentileza e compreensão. De um tempo em que as pessoas escutavam porque escuta é aprendizado, sem se imaginar num BBB da vida real,

como se estivessem sempre num palco ou na tela de uma TV. Tenho saudade de quando as pessoas eram mais desarmadas, e as coisas eram menos virtuais.



<http://tinyurl.com/cuwa9gq>

Podemos misturar Elmo Elton com eletropoemas. Roberto Almada com redes sociais na internet. Apri-gyo Lyrio com Joe Zee. Aposto que a vantagem de ser vintage, Berna-

dette e Jeanne, é poder acondicionar a eternidade em um instante. E fazer dessa gota, toda a rota. Há muitas janelas, abertas. E ainda uma ou outra porta. O que implica em buracos de fechadura e anjos pornográficos de olhar curioso, que insistem em estar por aí.

Caê é poeta, jornalista e cronista, e publica na Gazeta do Espírito Santo, onde vive. Publicou "Por baixo da pele fria" (poesia), "Entalhe final" (conto), "Quando o dia nasce sujo" (poesia) e "De Quando Minha Rua Tinha Borboletas" (crônicas).

Escreveu sua obra-prima e quer vê-la publicada? Tem uma ideia incrível pra um desenho e quer ver como fica impresso? Tira fotos muito legais?

Manda pra gente!

Eu e a mentira

Jair Martins

Uma vez, num determinado grupo de estudos que frequentava, me pediram para definir o que é a mentira e como ela entrava na minha vida.

Como tenho uma certa dificuldade para lidar com conceitos muito abstratos, achei melhor personificar a mentira, dar-lhe uma alma, um caráter.

Imaginei-a então como uma senhora de meia idade, corpo entre o roliço e o redondo, de baixa estatura (se eu disser que tem pernas curtas, corro o risco de ser linchado!) envergando um vestido de manga bufante (é assim mesmo que se chamam aquelas mangas parecidas com um balão?) cuja cor muda de acordo com ângulo de visão, ora magenta, ora vermelha, ora cor-de-rosa. Pura ilusão de ótica.

Enfeita-se exageradamente com anéis, colares, brincos e pulseiras em profusão, onde brilham diamantes, rubis, safiras, esmeraldas e outras pedras, todas evidentemente falsas.

Ela nunca olha pra você de frente, sempre de esguelho.

Ela quase nunca fala normalmente. Cochicha no seu ouvido, olhando para os lados. Quando fala, fala mais alto que o normal e observa se alguém acreditou. Quando fala, viola o sentido das palavras. Chama, por exemplo, uma pessoa humilde de fraca, chama arrogância de nobreza e por aí vai.

Dona Mentira já cruzou meu caminho muitas vezes e, na maioria delas, trombamos de frente. Raras foram as ocasiões em que andamos

juntos. Sua companhia não me é muito agradável, embora eu confesse que, nas poucas vezes em que necessitei dos seus serviços, o fiz com o nobre intuito de salvar minha própria pele, cuja integridade prezo muito.

com a mentira não é, portanto, minha prioridade. Tenho outras coisas mais urgentes prá consertar, embora saiba que mesmo vindo pela contramão, dona Mentira vai continuar rondando e chegando perto. Vai continuar tentando fazer com que



Ilustração: Cássio Rocha

A presença de Dona Mentira me provoca pruridos na alma. Dá a impressão que minha consciência aponta o dedo para mim e acusa:

- Mentindo, né, sacana? Depois reclama que mentem pra você!

Mas isso, felizmente, é raro e espero que tais ocasiões rareiem mais ainda.

Combater minhas relações

eu me aproxime e me encante com o seu palavrório.

Incansável, ela virá por muitos lados.

Dona Mentira é mesmo - perdão, não resisti - incrível.

Jair é desenvolvedor de sistemas de gestão de dados e palpiteiro nas horas vagas.

NUCCA - Núcleo de Cultura, Corpo e Arte

O NUCCA nasceu de uma iniciativa de um grupo de estudantes para promover atividades de dança na universidade. Uma chamada inicial para uma primeira conversa e para verificar o interesse das pessoas em participar e oferecer oficinas de dança resultou em uma sala de aula com 50 outros estudantes interessados em participar ou dançar. Conversa vai, conversa vem, a iniciativa foi tomando corpo e montamos, em 2010, o NUCCA (Núcleo de Cultura, Corpo e Arte).

O NUCCA situa-se no Campus Guarulhos, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e tem procurado desde então concentrar um conjunto de atividades de pesquisa artística e acadêmica, tendo como objeto comum o corpo, em sua dimensão física, artística, simbólica e histórico-cultural. O objetivo deste núcleo é explorar, do ponto de vista prático, artístico e teórico as múltiplas significações e formas de ser do corpo na sociedade urbana contemporânea. Para isso, concentramos um conjunto de atividades a partir das quais é possível pensar e sentir o corpo, construindo a partir daí um rico repertório de temáticas a serem aprofundadas em torno das relações entre arte, cultura, corpo e contem-

poraneidade.

Integram o NUCCA um docente e cinco discentes da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da UNIFESP, que também são pesquisadores, dançarinos e profissionais de práticas corporais cujos trabalhos e objetos de investigação estão voltados teórico e/ou empiricamente para o corpo em suas relações com a contemporaneidade, a arte e a cultura. Seus integrantes atuais são: Debora Gepp (discente de Ciências Sociais da UNIFESP); Fernanda Miranda da Cruz (docente de Letras da UNIFESP); Luciara Ribeiro (discente de História da Arte); Priscila Cristina Mimoto (discente de História); Rafael Teodoro do Nascimento (discente de Ciências Sociais); Viviane Santos (discente do curso de Filosofia).

Em 2011, firmamos uma parceria com o CEU Pimentas (Centro de Educação Unificada) que gentilmente nos cedeu espaço nas instalações direcionadas à prática da dança. Atendemos em torno de 100 pessoas durante o ano de 2011,

contando com alunos, servidores, professores da Unifesp e moradores do bairro dos Pimentas. No ano de 2012, foram oferecidas aulas de balé clássico para crianças de 7 a 12 anos, aulas de Método DeRose e aulas de capoeira, fato que contribui para a extensão das atividades da universidade na cidade de Guarulhos.



Turma de Balé Clássico Infantil

As atividades desenvolvidas semanalmente pelo NUCCA são: Balé Clássico, Capoeira, Dança Contemporânea e Yôga - Método DeRose.

Stand-up

Luis Octavio Rogens

Os humoristas Luis Octavio Rogens, Thiago Zap, Pedro Carvalho, Gui Soares e André Assunção levam o humor stand-up a Guarulhos, às 21h da sexta-feira (22), durante a III Semana de Letras da UNIFESP.

Com entusiasmo, os comediantes interagem com a plateia, desenvolvem suas piadas e comentários sobre temas diversos para garantir as gargalhadas do público.

O convidado da noite será o humorista catarinense/carioca Richard Rabelo, que há anos apresenta seu show de humor pelo Brasil, participou com seu stand-up nos programas Domingão do Faustão, Rede Globo, e A Praça é Nossa, SBT. Venceu o segundo festival de paródias do TV Xuxa, também da Rede Globo.

A apresentação, que encerra a III Semana de Letras da UNIFESP, é aberta gratuitamente à população

III de
Letras
a ponta de ponta

QUINTA - 21MAR

★ ★ ★ MÚSICA ★ ★ ★

AMARELO MARINHO

SEXTA - 22MAR

★ ★ ★ STAND-UP COMEDY ★ ★ ★

THIAGO ZAP GUI SOARES RICHARD REBELO
PEDRO CARVALHO convidado especial
OCTAVIO ROGENS ANDRÉ ASSUNÇÃO

Música

Fábio Fernandes

Participando da III Semana de Letras da UNIFESP Guarulhos, a Amarelo Marinho traz ao seu público, além do repertório de músicas próprias, uma variedade sonora que mescla MPB e música pop mundial, numa mistura muito interessante, criando diálogos musicais utilizando mash-ups ou mesmo mudanças rítmicas e estilísticas.

É uma banda que vem fazendo da música um experimento divertido com versões exclusivas, tocando clássicos de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Secos e Molhados, entre tantos outros ícones da Música Popular Brasileira, com espaço garantido para o Swing Revival de Squirrel Nut Zippers ou mesmo o curioso Mambo Italiano de Renato Carosone.

Quinta-feira, 21 de março, gratuitamente na UNIFESP Guarulhos.